

**MONI
QUE
WITTIG**

**PENSAMENTO
STRAIGHT**

**E OUTROS
ENSAIOS**

**PREFÁCIO
LOUISE
TURCOTTE**

**TRADUÇÃO
EUGÊNIA
ANTUNES**

ESTE LIVRO BENEFICIOU DE UM APOIO DO PRR, NO ÂMBITO
DA MEDIDA DE INTERNACIONALIZAÇÃO, MODERNIZAÇÃO E
TRANSIÇÃO DIGITAL DO LIVRO E DOS AUTORES.



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU

TÍTULO ORIGINAL

The Straight Mind and Other Essays

AUTORA

Monique Wittig

PREFÁCIO

Louise Turcotte

TRADUÇÃO

Eugénia Antunes

REVISÃO

Guilherme Pires | oficinacaixaalta.pt

CONCEPÇÃO GRÁFICA

Rui Silva

PAGINAÇÃO

Rita Lynce

IMPRESSÃO

Lidergraf — Artes Gráficas

COPYRIGHT

© 1992 Monique Wittig

Publicada por acordo com Beacon Press
através da International Editors' Co.

© 2025 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO

Lisboa, Novembro 2025

DL 551940/25

ISBN 978-989-9225-30-5

ORFEU NEGRO

Rua Silva Carvalho, n.º 152 — 2.º

1250-257 Lisboa | Portugal

www.orfeunegro.org

Índice

Mudar de perspectiva	7
Prefácio de Louise Turcotte	
Introdução	15
A Categoria de Sexo	23
Ninguém Nasce Mulher	37
O Pensamento <i>Straight</i>	57
Do Contrato Social	75
Homo Sum	95
O Ponto de Vista: Universal ou Particular?	113

O Cavalo de Tróia	127
A Marca de Género	141
O Lugar da Acção	161
Agradecimentos	177
Notas	179
Bibliografia	187

Prefácio

MUDAR DE PERSPECTIVA

Se há um nome associado ao Movimento de Libertação das Mulheres, é sem dúvida o de Monique Wittig. A reputação deve-se em grande medida à sua obra literária, traduzida em várias línguas. Mas se Monique Wittig é uma escritora marcante da segunda metade do século XX, os seus textos teóricos revelam-na também como uma das grandes pensadoras do nosso tempo.

É impossível limitar a influência de Wittig a um só domínio, seja a literatura, a política ou a teoria, pois a sua obra é transversal às três áreas, e é precisamente esta multidimensionalidade que torna o seu trabalho tão importante.

Muito se escreveu acerca da sua obra literária, contudo pouco foi dito sobre os escritos teóricos e políticos. Este será um testemunho político, sobretudo, uma vez que tive a sorte de conhecer Monique Wittig pessoalmente no início da década de 70. Embora seja possível atestar a influência imediata do pensamento de Wittig, resulta bem mais difícil

antecipar a sua influência a longo prazo, sobretudo na história da luta pela libertação das mulheres. Os seus ensaios põem em dúvida algumas das premissas básicas da teoria feminista contemporânea. O que está aqui em jogo é uma revolução conceptual total.

Em 1978, na conferência anual da Associação de Línguas Modernas em Nova Iorque, quando Monique Wittig concluiu a sua apresentação de «O Pensamento *Straight*» com a declaração «as lésbicas não são mulheres», a recepção calorosa que obteve foi precedida por um momento de estupefacção e silêncio. Dois anos mais tarde, quando esse ensaio foi publicado na revista francesa *Questions Féministes*, esse silêncio e estupefacção tinham sido transformados, por algumas das feministas mais radicais, em pressão política; fora incluída uma nota para «suavizar» a conclusão. O chocante ponto de vista de Wittig era inimaginável à época. Na verdade, uma página da história do Movimento de Libertação das Mulheres tinha sido virada, e logo por uma das suas principais promotoras em França. Que página era essa, ao certo? Por que motivo já não era possível ver o Movimento de Libertação das Mulheres da mesma maneira? Precisamente porque a perspectiva mudara.

Desde o início do século, todas as lutas, desde a defesa dos «direitos da mulher» a uma análise feminista da «opressão da mulher», tiveram como base «o ponto de vista das mulheres». Era evidente, estava subentendido. Esta análise

foi aperfeiçoada com o passar dos anos e emergiram tendências diferentes, como acontece em todos os movimentos de libertação, mas esse consenso básico nunca foi questionado. Parecia, em todo o caso, incontestável. E eis que a afirmação «as lésbicas não são mulheres» vem abalar todo um movimento, tanto política como teoricamente.

Sustentada nos mais recentes conceitos do feminismo materialista e radical, entre eles a ideia de «classes de sexo», a declaração de Wittig punha em causa um ponto fundamental que o feminismo jamais contestara: a heterossexualidade. Já não concebida como sexualidade, mas como um regime político. Até então, o feminismo considerara o «patriarcado» um sistema ideológico baseado no domínio dos homens sobre as mulheres. No entanto, as categorias de «homem» e «mulher» não tinham sido questionadas. É aqui que «a existência das lésbicas» assume o seu significado, pois se estas duas categorias não podem existir uma sem a outra, e as lésbicas só existem pelas e para as «mulheres», então tem de haver uma falha neste sistema conceptual.

No início da década de 80, muitas lésbicas em França e no Quebec começaram a chamar «lesbianismo radical» a este ponto de vista e reviram totalmente a sua estratégia. As lésbicas radicais chegaram agora a um consenso básico que encara a heterossexualidade como um regime político que tem de ser derrubado, e nós todas nos inspiramos nos escritos de Monique Wittig. Para nós, a sua obra

constitui um ponto de partida para a análise e a acção. Toda a história viria a ser reexaminada.

Ao reanalisar a história a partir deste ponto de vista, vale a pena notar que os fundamentos de uma crítica da heterossexualidade enquanto «instituição política» já tinham tido estabelecidos no início da década de 70 por determinadas separatistas lésbicas nos Estados Unidos.¹ Mas o separatismo lésbico norte-americano não adoptou esta análise. Pelo contrário, o seu objectivo era desenvolver, no âmbito de um contexto essencialista, novos valores lésbicos no seio de comunidades lésbicas. Isto supunha, e supõe ainda, ignorar que a «heterossexualidade (...) só pode assegurar o seu poder político destruindo ou negando o lesbianismo»². A existência de comunidades lésbicas é estrategicamente necessária. Porém, se não se inserirem no contexto de um movimento político que visa abolir o sistema heterossexual, passam a significar uma coisa totalmente diferente; trata-se então de criar uma «nova categoria». Mas só a destruição das categorias existentes pode desencadear uma verdadeira mudança. Foi isto que a obra de Monique Wittig nos fez compreender: não é uma questão de substituir «mulher» por «lésbica», mas sim de utilizar a nossa posição estratégica para destruir o sistema heterossexual. «Nós [lésbicas] (...) somos escravas fugidas (...) evadidas da nossa classe» (em «Ninguém Nasce Mulher»).

Esta frase crucial dá-nos a dimensão política do ponto de vista lésbico, e é preciso tê-la sempre em conta quando lemos Wittig.

Nos Estados Unidos, Adrienne Rich propôs uma análise feminista da heterossexualidade no seu ensaio de 1980 «Heterossexualidade Obrigatória e Existência Lésbica».³ Para Rich, a heterossexualidade é «algo que tem de ser imposto, gerido, organizado, propagandeado e mantido à força»⁴. Este texto apresenta a heterossexualidade como uma instituição política no seio do sistema patriarcal. Rich vê a existência lésbica como um acto de resistência a esta instituição, mas para que a «existência lésbica tome consciência desse conteúdo político de uma maneira fundamentalmente libertadora, a escolha erótica deve depender da identificação consciente como mulher e expandir-se nela»⁵. Rich analisa o conceito de heterossexualidade no âmbito da teoria feminista contemporânea a partir do «ponto de vista da mulher», ao passo que o lesbianismo radical abdica desse ponto de vista. Encara o lesbianismo como necessariamente político e põe-no à parte de todo o regime político heterossexual. Pois falar de «heterossexualidade obrigatória» é redundante.

«A consciência da opressão não é apenas uma reacção à (luta contra a) opressão. É também a total reavaliação conceptual do mundo social, a sua total reorganização com novos...» (em «Ninguém Nasce Mulher»). Para mim, isto

resume o trabalho de Monique Wittig. Foi através de grupos militantes que a conheci. O seu profundo respeito por cada indivíduo, o seu profundo desprezo por todas as formas de poder, alteraram para sempre o meu conceito de militância. E foi também através da sua escrita que compreendi a necessidade de alternar entre a teoria e a política. A luta política não pode ser concebida sem esta dinâmica e, à medida que a teoria se vai transformando, temos também de transformar a nossa luta política. Este é um desafio que exige vigilância constante e uma vontade permanente de reconsiderar as nossas acções e as nossas posições políticas. É neste sentido que deve ser entendido o questionamento do movimento feminista pelas lésbicas radicais.

«Temos de operar uma transformação política dos conceitos-chave, ou seja, dos conceitos que são estratégicos para nós» (em «O Pensamento *Straight*»). Ao não questionar o regime político heterossexual, o feminismo contemporâneo propõe a reorganização e não a eliminação desse sistema. Do mesmo modo, parece-me que o desenvolvimento contemporâneo da noção de «género» mascara ou camufla as relações de opressão. Muitas vezes, o «género», mesmo quando tenta descrever as relações sociais entre homens e mulheres, permite-nos ignorar, ou diminuir, a noção de «classes de sexo», despojando assim estas relações da sua dimensão política.

MUDAR DE PERSPECTIVA

Gostaria de mencionar aqui um dos elementos críticos do pensamento de Wittig, resumido na seguinte frase: «Um texto de um escritor minoritário só é eficaz se conseguir universalizar o ponto de vista da minoria» (em «O Universal e o Particular»). Isto exemplifica a extraordinária eficácia de Wittig. Ao reivindicar o ponto de vista lésbico como universal, ela subverte os conceitos a que estamos habituados. É que, até agora, os escritores das minorias tinham de acrescentar «o universal» aos seus pontos de vista se quisessem alcançar a universalidade incontestada da classe dominante. Os homossexuais, por exemplo, sempre se definiram como uma minoria e nunca questionaram, apesar da sua transgressão, a escolha dominante. É por isso que a cultura homossexual teve sempre um público bastante amplo. O pensamento lésbico de Wittig não pretende transgredir, mas antes eliminar as categorias de género e de sexo sobre as quais assenta a própria noção de universalidade. «Os sexos (o género), a diferença entre os sexos, o homem, a mulher, a raça, o preto, o branco, a natureza estão no âmago do seu conjunto de parâmetros [do pensamento *straight*]. E moldaram os nossos conceitos, as nossas leis, as nossas instituições, a nossa história, as nossas culturas» (em «Homo Sum»). Reexaminar os parâmetros sobre os quais se fundamente o pensamento universal requere uma reavaliação de todas as ferramentas básicas

LOUISE TURCOTTE

de análise, incluindo a dialéctica. Não para a descartar, mas para a tornar mais eficaz.

O trabalho de Monique Wittig é a exemplificação perfeita da ligação entre política e teoria. Demasiadas vezes, encaramos estes dois elementos fundamentais como entidades separadas; de um lado está o trabalho teórico e do outro o político, operando em paralelo, quando, na verdade, deveriam intersectar-se. Este encontro entre a teoria e a política é fundamental para toda a luta política, e é precisamente o que torna o pensamento de Wittig tão inquietante. O consenso teórico exige a luta política. Quando se alcança o consenso teórico, o curso da história já foi abalado.

LOUISE TURCOTTE

Membro do colectivo fundador de
Amazonas de ontem, Lésbicas de hoje